

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NAS TERRAS DOS FARAÓS
14 e 16 de Janeiro de 2023

FARAON / 1966

Um filme de Jerzy Kawalerowicz

Realização: Jerzy Kawalerowicz / Argumento: Tadeusz Konwicki e Jerzy Kawalerowicz, baseado no romance homónimo de Boleslaw Prus / Direcção de Fotografia: Jerzy Wojcik / Direcção Artística: Jerzy Skrzepinski / Decoração: Romuald Korczak, Franciszek Trzaskowski e Albin Wejman / Guarda-Roupa: Maria Czekalska, Andrzej Majewski, Barbara Ptak e Lidia Rzezewska / Música: Adam Walacinski / Som: Stanislaw Piotrowski / Montagem: Wieslawa Otocka / Interpretação: Jerzy Zelnik (Ramsés XIII / Lykon, o sócia), Wieslawa Mazurkiewicz (Nikotris), Barbara Brylska (Kama, a sacerdotisa), Krystyna Mikolajewska (Sara), Eva Krzyzewska (Hebron), Piotr Pawlowski (Herhor, o Grande Sacerdote); Leszek Herdegen (Pentuer), Stanislaw Milski (sacerdote), Andrzej Girtler (Ramsés XII), etc.

Produção: Zespół Filmowy / Cópia: digital (DCP), colorida, falada em polaco com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 152 minutos / Estreia em Portugal: Roma, a 30 de Janeiro de 1968.

Faraon foi o filme com que Jerzy Kawalerowicz (1922-2007) deu sequência ao célebre **Matka Joanna ad Anielow**, que os espectadores da Cinemateca conhecerão bem de projecções relativamente recentes. Cinco anos medeiam os dois filmes, não sendo difícil acreditar, dada a grandiosidade cenográfica de **Faraon**, que se tenha tratado de uma obra que exigiu um longo tempo de preparação. **Matka Joanna** tratava de um universo medieval, **Faraon** mergulha no Antigo Egipto, assim sublinhando um dos traços mais distintivos de Kawalerowicz face aos cineastas polacos seus contemporâneos: um interesse pela História, com um recuo de muitos séculos, quando os seus colegas filmavam sobretudo o momento presente ou a História muito recente.

Esse factor contribuir para adensar o efeito de estranheza provocado por **Faraon**, embora bem vistas as coisas ele não tenha muita razão de ser e seja originado por um vício de espectador: se não estranhemos, pela vocação omnívora do cinema americano, que o Antigo Egipto seja reconstituído em Hollywood (por exemplo por DeMille, num filme, **The Ten Commandments**, apenas dez anos anterior ao de Kawalerowicz), talvez também não devêssemos estranhar que ele seja reconstituído num estúdio polaco (em Lodz, para os interiores, com os exteriores a serem rodados maioritariamente no deserto do Uzbequistão, então ainda a URSS, com alguns planos filmados na verdadeira location, nomeadamente aqueles em que se vêem as pirâmides de Gizah, que são mesmo as pirâmides de Gizah e não uma reconstituição). Nem que neste Antigo Egipto toda a gente fale polaco – a versão que vamos ver é a original e não a versão “internacional” que à época mais circulou, dobrada em alemão). Para mais, quando a fonte literária é polaca, um romance do célebre escritor Boleslaw Prus, publicado em 1897, que o filme segue, segundo rezam as crónicas, com bastante fidelidade.

Mas ainda assim, afastando racionalmente toda esta estranheza, continuamos a estranhar. Como já estranhávamos em **Matka Joanna**, no fundo, também ele um filme tão mergulhado na época e no universo específico (um convento) que retratava, nos seus códigos e formas de ver o mundo, que parecia estabelecer um “cordão sanitário” entre ele e a época contemporânea, como uma viagem no tempo (uma “viagem fantástica”, o título do ciclo apropria-se bem ao filme que vamos ver hoje) onde se perdesse toda a perspectiva. **Faraon** sugere essa “suspensão da perspectiva” de modo perfeito, e de pelo menos duas maneiras: as suas extremas ritualização e codificação, fundindo o artificialismo e o verismo histórico (o cuidado posto nas indumentárias e nas perucas, o rigor na arquitetura cenográfica), sem demasiado evidentes “explicações”, como se supusesse um espectador perfeitamente familiarizado com a vida e as leis do Antigo Egipto (e nisto o filme assemelha-se muito a uma obra de ficção científica, e talvez não sejamos os únicos, pelo gosto da composição simétrica patenteado por Kawalerowicz, a pensar uma ou duas vezes no **2001** que Kubrick preparava então e estrearia dois anos mais tarde...). E, por exemplo, nas cenas de batalha, pela preferência por um ponto de vista “rente ao chão”, à altura do olhar dos soldados e outros intervenientes – como se de facto nos quisesse pôr “lá dentro” (o travelling que abre o filme, depois daquele primeiro plano com os escaravelhos e a bola de excrementos, instaura imediatamente o princípio geral do filme).

Faraon parece uma sequência de **Matka Joanna**, ainda, pela persistência temática: a religião. Se todo o filme é, essencialmente, “palaciano”, focando os jogos e equilíbrios de poder dentro das altas esferas que governavam e partilhavam o poder no Egipto, uma das questões centrais é o predomínio da religião e a sua influência sobre a condução política do estado, predomínio e influência combatidos pela visão “moderna” do protagonista, o fictício Ramsés XIII. E claro, o tema do anti-semitismo, com ressonâncias que em 1966, vinte anos depois da II Guerra, num país como a Polónia (onde estava instalado o campo de Auschwitz), eram por certo muito mais perturbadoras do que em 1897, quando o livro de Prus foi publicado (e de resto, não sem surpresa, o papel do anti-semitismo no filme foi um dos aspectos mais comentados à época, havendo leituras de todo o tipo, desde os que viam **Faraon** como contendo uma alegoria do totalitarismo anti-semita nazi aos que não detectavam qualquer distância entre o olhar do filme e o anti-semitismo das suas personagens – o que não é verdade, basta ver o tratamento da personagem de Sara).

Lento, hipnótico, hierático, com um domínio às vezes majestoso do espaço do “scope” e uma atracção por um erotismo sulfúrico (a personagem de Kama, a sacerdotisa), **Faraon** não perdeu nenhuma da sua singularidade e continua a ser, hoje, um filme cheio de surpresas.

Luís Miguel Oliveira